



V CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA E FORMAÇÃO DOCENTE - CIMFor

Temas emergentes em Educação: Docência em movimento no contexto atual
10 a 13 de setembro de 2024

A MALDIÇÃO DO CONHECIMENTO E A RELAÇÃO DOCENTE-DISCENTE

Stefani Pacheco Skodowski¹
Anselmo Lima²
Dalvane Althaus³

Resumo

Este relato de pesquisa consiste em uma dissertação em construção no Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR) - Campus Pato Branco, sob orientação do Professor Doutor Anselmo Lima, cuja temática é a maldição do conhecimento na relação docente-discente. O tema emergiu durante uma intervenção de Clínica da Atividade Docente (CAD) realizada no ano de 2023 em um colégio do município de Pato Branco (PR), valendo-se do método de autoconfrontação cruzada. A maldição do conhecimento pode ser entendida como a tendência do indivíduo, quando em interação, de prever equivocadamente que o(s) outro(s) têm um pano de fundo similar e profundidade de conhecimento para entender aquilo que enuncia. Isso se estende à prática docente em vários âmbitos, de modo que aqui busca-se abordar a relação entre professor e aluno dentro de sala de aula. A CAD é uma abordagem que visa a transformar e estudar a prática docente por meio de métodos como o de autoconfrontação, em que o professor se vê e se analisa em ação de aula. Os dados desta pesquisa são provenientes da intervenção realizada por e com dois professores da instituição. Esses dados são analisados a partir da enunciação verbal dos participantes, que estão registradas no formato audiovisual e em fase de transcrição. O objetivo geral do presente trabalho é o de apresentar o andamento da pesquisa e as considerações prévias já encontradas. Para isso, definem-se como objetivos específicos: conceituar a Clínica da Atividade Docente; detalhar o método de autoconfrontação; definir o conceito de “Maldição do Conhecimento”.

Palavras-chave: Clínica da Atividade. Autoconfrontação Cruzada. Prática Docente.

Eixo Temático: 6 - Linguagens, Docência e Formação de professores

¹Mestranda em Letras pela UTFPR Pato Branco, stefaniskodowski@alunos.utfpr.edu.br.

²Doutor em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, anselmo@utfpr.edu.br.

³Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas. dalvane@utfpr.edu.br.

INTRODUÇÃO

A pesquisa aqui relatada está circunscrita no Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), Campus Pato Branco, e seu tema central pode ser definido como “A Maldição do Conhecimento e a relação docente-discente”. Trata-se de uma dissertação em construção, cuja orientação é do Professor Anselmo Lima, Doutor em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

A maldição do conhecimento refere-se à tendência de um indivíduo, ao interagir, de presumir equivocadamente que o(s) outro(s) possuem um conhecimento de base e profundidade similares para entender o que está sendo comunicado (HEATH, HEATH, 2018). Esse fenômeno impacta diretamente a prática docente, repercutindo na relação docente-discente e na mediação do conhecimento. Neste sentido, a problemática central destacada reside na dificuldade dos professores em ajustar suas práticas pedagógicas às necessidades de compreensão dos alunos, bem como a de perceber a necessidade desse ajuste durante a ação da aula, frequentemente subestimando a disparidade entre o conhecimento prévio dos estudantes e o conteúdo apresentado.

A temática em questão emergiu durante uma intervenção em Clínica da Atividade Docente, realizada pelo referido pesquisador no ano de 2023 em um colégio do município de Pato Branco (PR). Isso quer dizer que a prática adotada neste trabalho, bem como durante a intervenção, no seu sentido teórico-metodológico é guiada por uma perspectiva dialógico-desenvolvimental, que inspira-se nos estudos de Bakhtin e Vigotski. Segundo Lima et al. (2023), essa abordagem utiliza o método ou técnica da autoconfrontação, em que os professores observam gravações de suas próprias ações e são incentivados a analisar suas atividades enquanto interagem coletivamente.

Logo, é importante destacar os objetivos deste relato. O objetivo geral é apresentar o andamento da pesquisa e as considerações prévias já encontradas. Para isso, definem-se como objetivos específicos, de fundamental importância: conceituar a Clínica da Atividade Docente; detalhar o procedimento teórico-metodológico de autoconfrontação aplicado; definir o conceito de “Maldição do Conhecimento”.

Neste sentido, de modo a fornecer ao leitor o suporte teórico necessário para a compreensão do que foi e do que está sendo desenvolvido, este trabalho será dividido da seguinte maneira: no desenvolvimento serão abordados os pressupostos-base da CAD; na metodologia será descrito detalhadamente o procedimento de autoconfrontação cruzada a partir do qual produziram-se os dados analisados nesta pesquisa; nos resultados será abordada a Maldição do Conhecimento, temática que emergiu da intervenção e que será discutida durante a análise dos dados.

A justificativa deste estudo reside: 1. na identificação de um problema do coletivo (professores), durante a realização da intervenção, que será detalhada em seguida, no decorrer deste relato; 2. na relevância e importância de compreender e mitigar o fenômeno da maldição do conhecimento, refletindo sobre a relação docente-discente; 3. na contribuição que traz aos estudos acerca da prática docente; 4. e na diferenciação de perspectiva em relação a outros trabalhos já publicados, sobretudo aqueles de base estritamente positivista.

DESENVOLVIMENTO

A CLÍNICA DA ATIVIDADE DOCENTE

A Clínica da Atividade Docente (CAD) consiste em uma abordagem inspirada na Clínica da Atividade (CA) de Clot (2010), que tem como objetivo central a transformação e o estudo da ação de trabalhadores (LIMA et al., 2023). Em linhas gerais, é possível dizer que o procedimento clínico instaura nos coletivos de trabalhadores um movimento, através do qual estes são levados a observarem-se e observarem sua prática até que consigam perceber o que antes não era percebido e implementar mudanças na sua ação (atividade). Como mencionado anteriormente, a referida abordagem tem base principal em Bakhtin e Vigotski. Um ponto fundamental para compreendê-la em essência, neste sentido, é que a psicologia desenvolvimental de Vigotski (2007) é uma das principais referências norteadoras da prática clínica. Isso quer dizer que a compreensão da abordagem é de que a condição primária para que a transformação da ação do trabalhador supracitada aconteça é que estes estejam protagonizando a análise e a transformação de sua atividade (LIMA et al., 2023).

Outro ponto de suma importância, destacado por Lima et al. (2023) é o embasamento no conceito de “gênero discursivo”, de Bakhtin (2011). Por meio deste, Clot (2010) traz a abordagem de “gêneros da atividade”, que, assim como os gêneros do discurso, são tipos relativamente estáveis, ou seja, ao mesmo tempo, possuem duas faces: o relativo e o estável (LIMA, 2010). Neste sentido, a estabilidade tem relação com a repetição da ação humana e a relatividade, com a recriação desta (LIMA et al., 2023).

Assim, partindo da premissa dos estudos discursivos de que ao repetir o enunciado o falante pode recriá-lo, a CA compreende que, de igual modo, o trabalhador pode recriar sua atividade. Compreendendo a docência, portanto, como um destes gêneros da atividade, entende-se que o docente tem potencial para passar pelo processo de recriação da prática, a partir de uma “tomada de consciência”, definida por Vigotski (1998) como um contato consigo mesmo.

Logo, o papel da Clínica da Atividade Docente é o de, utilizando de métodos como o que será detalhado em seguida - a autoconfrontação, seja ela simples ou cruzada -, mediar uma intervenção em que o profissional docente seja levado a esse diálogo consigo, a partir do olhar alheio - do interveniente - sobre si (LIMA et al., 2023). Neste caso, isso aconteceu a partir da filmagem, intencional e consentida, de si mesmo enquanto exercia sua prática e interagia com seus alunos. Desta forma, os docentes foram conduzidos a uma análise deles mesmos, de modo que tiveram a oportunidade de, ao confrontarem-se com sua própria prática, perceber fatores relacionados a ela que passam despercebidos no dia a dia. O delinear completo da intervenção será melhor detalhado na seção de metodologia.

Também é importante destacar que as bases da CA trazem à produção do conhecimento um olhar distinto do que é frequentemente observado por linhas essencialmente positivistas. A partir das duas grandes bases mencionadas utilizadas por Clot, parte-se da premissa de que a produção do conhecimento não se faz por meio de um processo de discussão unilateralmente desenvolvido do ponto de vista dos conceitos científicos, mas sim no encontro dos conceitos científicos com os espontâneos (VIGOTSKI, 2005). Vale ressaltar também que, no movimento de uma pedagogia crítico-emancipatória e de uma metodologia formativo-emancipatória, defende-se uma abordagem contra-hegemônica, em que o fazer científico deve visar à transformação, ser desenvolvido com os educadores e ter a prática educativa como ponto de partida e de chegada (FRANCO, 2008).

Isso implica dizer que é no contato com os sujeitos de pesquisa que o problema se apresenta dentro de um contexto clínico-pedagógico. Nesse sentido, no procedimento em clínica da atividade docente, busca-se que os professores, ao confrontarem-se com a própria prática e materializarem o problema verbalmente, sejam capazes de pensar e agir sobre ela, reformulando-a.

A partir dessa materialização discursiva é que emerge a temática, que não é pensada previamente à ida ao campo, mas sim identificada juntamente com o coletivo. Entende-se que o objeto de estudo (a atividade docente), tal como o corpo, somente revela o que ele é em movimento (transformação), e que é necessário provocá-lo (VIGOTSKI, 2007). Portanto, a proposta desta pesquisa é de revisitar esse processo e história desse momento para realizar a análise dos dados e a abordagem da temática proposta, partindo do problema identificado.

METODOLOGIA

Acerca da ordem teórica, cabe destacar que vale-se de metodologia desenvolvimental, considerando os fundamentos teórico-metodológicos da CA. No tocante à categorização da pesquisa, pode-se dizer que se trata de uma pesquisa de campo, de natureza qualitativa, com fins descritivos, cuja realização foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal Tecnológica do Paraná (UTFPR).

No que diz respeito ao processo de produção dos dados analisados neste trabalho em andamento, como apontado anteriormente, este se deu em um procedimento clínico de intervenção com o método de autoconfrontação cruzada. Althaus (2019) aponta que este método corresponde a uma intervenção clínica na atividade, conduzida por “intervenientes”, que são pessoas que atuam com a abordagem da CA. Os procedimentos metodológicos são definidos por Clot (2010) e consistem em três fases, das quais decorrem várias etapas.

Assim sendo, todo o procedimento de produção destes dados, que têm relação íntima com o que foi anteriormente destacado acerca dos fundamentos da CAD e seguem essas três fases, serão descritos e apresentados na sequência. Na primeira fase, que é antecessora à própria autoconfrontação, acontece a sistematização da demanda pela

organização coletiva (LIMA et al., 2023).

Segundo os autores, “na educação, o coletivo é constituído por docentes, agentes do mesmo gênero de atividade, agrupados em uma instituição e/ou área, mas que quase nunca estão afinados em compartilhar e dialogar sobre as situações de trabalho” (LIMA et al., 2023, p. 6). Neste caso, consideram-se todos os docentes da escola na qual realizou-se a intervenção.

Para a realização da primeira fase, portanto, é necessário que haja uma reunião com este coletivo e que este legitime a demanda pela formação continuada. Em seguida, apresenta-se a proposta da CAD e busca-se engajar o coletivo, de modo que seja possível constituir uma dupla de professores voluntários para o procedimento de filmagem, como aconteceu no colégio.

Estes dois professores que se voluntariam, então, indicam ao interveniente uma turma e os horários para que a intervenção seja realizada através de visitas à sala de aula, que acontecem em três momentos, que são:

- a) Assim como para os professores, a proposta é apresentada, também para os estudantes. Eles são convidados a tirar suas dúvidas e participar da proposta. Neste momento, também foram coletados os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLEs) dos estudantes e responsáveis;
- b) Em seguida, são observadas uma aula de cada professor, sem realizar gravações. Destas aulas, o interveniente toma notas descritivas não-avaliativas acerca da interação professor-aluno, a partir das quais levanta elementos possíveis de analisar juntamente aos docentes nas próximas etapas. No próximo momento, o interveniente faz uma devolutiva individual desta observação aos docentes, da qual faz o registro em áudio. Na ocasião, acessando o ponto de vista do interveniente acerca das aulas, visa-se que os profissionais percebam e questionem-se acerca de alguns atos que passam despercebidos durante sua ação de dar aula;
- c) O terceiro momento consiste na filmagem de uma aula de cada professor. Tendo a filmagem em mãos, o interveniente faz o recorte de trechos importantes que relacionam-se à problematização discutida durante a devolutiva e que podem render discussão na próxima fase.

Tudo isso foi feito no colégio em questão e a partir daí inicia-se, de fato, a

dinâmica da fase das autoconfrontações. Por meio desse trecho de aula selecionado pelo interveniente, deve-se realizar uma reunião pedagógica/clínica individual com cada um dos docentes, que é chamada de autoconfrontação simples. Cada um dos professores vê o trecho da sua aula e é provocado a descrever detalhadamente o que observa acontecendo na gravação.

Após serem realizadas as duas sessões de autoconfrontação simples, uma com cada professor assistindo, explicando e tecendo comentários acerca do trecho de sua aula, é feita outra reunião pedagógica/clínica, mas agora com a dupla dos professores - esta etapa denomina-se autoconfrontação cruzada. A dinâmica é parecida, cada docente assiste ao trecho da aula do outro e é da mesma forma convidado a descrever no detalhe o que o outro aparece desenvolvendo no vídeo e vice-versa.

Segundo Lima et al. (2023),

Nessa instância, quase sempre, um se reconhece na atividade do outro, mas não totalmente, ocorrendo controvérsias nos modos de pensar e agir (Giordan; Sarti, 2021). Essa circunstância é salutar para que os dois sejam levados a dialogar sobre tais diferenças e sobre as possibilidades de recriação da ação. Nessa fase, ocorre um movimento psicodialógico envolvendo os diferentes destinatários e, com isso, o processo de auto-observação se amplia, possibilitando novas tomadas de consciência de parte do real da atividade. (p. 7)

A terceira fase ocorre após as autoconfrontações. Para tanto, é editado um videodocumentário sobre a aula de cada professor e a temática com eles problematizada e desenvolvida, a fim de ser compartilhada e discutida com o coletivo em reunião pedagógica. Busca-se evidenciar a problemática construída com os professores por meio de tomadas de consciência de como era sua aula e de como e o que poderia ser diferente, bem como registrar transformações decorrentes dessas reflexões. Além disso, nessa fase ocorrem etapas de pesquisas acadêmicas sobre a intervenção, em que as análises dos professores enquanto protagonistas da práxis educativa, prática que eles realizam e é tomada como objeto de reflexão na autoconfrontação, são analisadas dialeticamente pelo filtro das teorias que sustentam a CAD e, ao mesmo tempo, colocando-as à prova e recriando-as. A intervenção no colégio encontra-se nessa fase, tanto de retorno ao coletivo, quanto de pesquisa acadêmica.

Como mencionado anteriormente, os dados utilizados na pesquisa em andamento relatada neste trabalho são fruto dessas sessões de autoconfrontação. No momento, têm-se as gravações em vídeo, que estão em fase de transcrição, sendo a base para as transcrições

a obra *Análise de Textos Oraís*, de Dino Preti (1999). A partir deste procedimento, os dados passarão por uma análise linguístico-discursiva (bakhtiniana).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como supracitado, a análise completa dos dados desta pesquisa será feita após o procedimento de transcrição das gravações, que está em andamento no momento. Contudo, previamente, através dos vídeos, é possível determinar qual foi o “fio da intervenção”, ou seja o tópico/tema que emergiu durante o processo clínico, que, como mencionado, foi “A Maldição do Conhecimento”.

Neste relato, portanto, busca-se brevemente explicar acerca do surgimento deste tópico e definir o que seria este fenômeno, bem como sua relação com a prática docente e a interação docente-discente. Contudo, é evidente que a análise completa dos dados e, conseqüentemente, uma melhor compreensão do surgimento desta temática dentro da intervenção, só será possível após terem-se os dados transcritos em mãos. Cabe destacar que este é apenas um recorte.

Na primeira fase da intervenção (a observação da aula pelo interveniente), um dos professores, que leciona geografia na escola, fala muito sobre o IBGE. Ao tomar notas, o interveniente observa que há um aluno em todo o decorrer da aula com a mão levantada e que durante certo tempo não teve permissão para falar ou questionar o que gostaria. Ao final da aula, o aluno tem essa permissão e pergunta: “Professor, o que é IBGE?”.

Durante a sessão devolutiva, o docente e o interveniente dialogam sobre isso e o professor reconhece que, talvez, afinal, a turma toda não soubesse em que consiste esse órgão. Já na segunda fase (a gravação em vídeo da aula), ele inicia a aula falando que na aula anterior havia falado bastante sobre IBGE, mas acabou não explicando para os estudantes o que era, e faz uma breve explicação, apontando que este é o órgão que faz o CENSO DEMOGRÁFICO e, em seguida, pergunta para os alunos em que ano foi realizado o último CENSO. Eles dão respostas esparsas e citam datas importantes da divisão regional, confundindo-se com o conteúdo da última aula.

Esse é o trecho selecionado pelo interveniente e que é levado para a sessão de autoconfrontação. Ao ser provocado para descrever em detalhe sua ação neste trecho, o

docente parece ter certa dificuldade e aponta, ainda, que é muito difícil, na prática docente, “medir” esse nível de compreensão dos estudantes acerca do que ele fala em sala de aula e que têm-se até que tomar cuidado, de modo que uma aula não acabe virando outra. Durante a reunião, ambos concordam que, assim como os alunos não sabiam o que era IBGE na primeira aula, na segunda também não sabiam o que era CENSO.

Na gravação de aula realizada com a outra docente, que leciona língua portuguesa no colégio, os alunos liam um texto na projeção feita na televisão. Em dado momento, ao aparecer a palavra “esboçar”, a professora parou a leitura e questionou os alunos acerca do significado desta palavra. Alguns apontam que no texto a palavra tem o sentido de esboçar uma reação, outros apontam que também pode relacionar-se a rascunhar em outros contextos, e ela segue o curso da aula.

Nas sessões de autoconfrontação cruzada, quando os dois professores estão juntos, o tema central da conversa é essa dificuldade, na prática docente, de identificar até que ponto os alunos sabem do que se está falando em aula. Isso surge espontaneamente na conversa dos dois professores, que vão tecendo comentários e considerações, explicando suas práticas e dialogando acerca de melhores formas de fazê-la, visto a superar esse impasse.

O interveniente, em dado momento, durante essa conversa dos professores, aponta um conceito recente que se relaciona a esta questão, que é a Maldição do Conhecimento, definida por Heath e Heath (2018). Um dos professores responde que essa é a “Maldição do Professor”

A Maldição do Conhecimento consiste em um fenômeno que ocorre quando alguém que sabe algo encontra dificuldades para imaginar a perspectiva de alguém que não sabe. Ou seja, surge quando um indivíduo, como um professor, por exemplo, ao adquirir um alto nível de compreensão ou especialização em um determinado assunto, perde a capacidade de se colocar no lugar daqueles que não compartilham do mesmo conhecimento, não conseguindo sequer reconhecer o desconhecimento destes.

Segundo Heath e Heath (2018), uma vez que você sabe algo, é difícil se lembrar de como era não saber. Logo, o conhecimento transforma a perspectiva do sujeito cognoscente de tal forma que se torna quase impossível revertê-la mentalmente para o estado de inicial ignorância. Assim sendo, é um fenômeno que pode ser observado em diversos campos, dentre eles a educação, quando professores, por exemplo, ao se

acostumarem com o “saber”, têm dificuldade em medir o nível de desconhecimento dos estudantes e, portanto, de explicar conceitos básicos aos alunos.

Durante as sessões de autoconfrontação cruzada, a discussão realizada entre os professores, sob mediação do interveniente, versou, sobretudo, acerca da dificuldade de medir o entendimento dos alunos sobre o conteúdo ministrado, o que revela a presença da “Maldição do Conhecimento” na prática pedagógica. Esse fenômeno fica evidente no âmbito da relação docente-discente quando os professores percebem que, muitas vezes, assumem que os alunos compreendem certos conceitos básicos que, na realidade, não foram bem assimilados por eles.

Assim sendo, as sessões levaram os professores a uma reflexão mais profunda e detalhada acerca das suas práticas. Foi possível inferir a necessidade de adequação da prática para garantir que o conhecimento seja mais acessível aos estudantes, incluindo não apenas a explicação de termos e conceitos básicos, mas também a verificação contínua do entendimento dos alunos ao longo das aulas.

Neste sentido, o conceito da Maldição do Conhecimento acabou se tornando um ponto central dessa reflexão, ajudando os professores a identificar e buscar superar suas próprias limitações na comunicação e no ensino.

Esses dados e suas primeiras análises já indicam que, efetivamente, a Clínica da Atividade Docente contribui para transformar a prática de ensino em sala de aula e para a tomada de consciência do professor quanto às suas possibilidades não realizadas em sala de aula. Além disso, o que ocorre com os dois docentes será ampliado em discussão coletiva com os demais docentes do colégio por meio de reunião pedagógica para compartilhar e dialogar sobre os resultados das reflexões da dupla, por meio dos videodocumentários que se encontram agora em fase final de edição. Destaca-se, ainda, que a CAD assemelha-se à metodologia formativo-emancipatória (FRANCO, 2008), partindo da prática para transformá-la com a reflexão protagonizada pelos professores e ampliada em pesquisas acadêmicas, configurando-se em uma maneira de fazer formação docente continuada e ciência fora dos cânones positivistas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente relato de pesquisa buscou apresentar o andamento de uma pesquisa de mestrado em desenvolvimento no Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), Campus Pato Branco. Para isso, foram resgatados os pressupostos básicos da Clínica da Atividade Docente, foi descrito detalhadamente o processo metodológico de produção dos dados analisados e apresentada brevemente uma prévia dos resultados, uma vez que estes ainda estão em desenvolvimento.

Como análise-piloto, resgatou-se o conceito básico do fenômeno da “Maldição do Conhecimento”, que é a problemática que emerge da intervenção realizada aqui descrita. Neste relato, foi possível identificar e discutir a “Maldição do Conhecimento” no contexto educacional, oferecendo uma análise reflexiva sobre a prática docente.

Em seguida, após a transcrição das gravações em vídeo, os pesquisadores farão uma análise linguístico-discursiva mais detalhada da emergência deste tema durante as autoconfrontações e das características deste fenômeno, a partir da descrição dos dois professores participantes.

Como destacado anteriormente, esta pesquisa contribui significativamente para os estudos sobre a prática docente, uma vez que diferencia-se ao adotar uma perspectiva desenvolvimental, promovendo um entendimento mais profundo e contextualizado das relações docente-discente a partir da Clínica da Atividade Docente.

REFERÊNCIAS

ALTHAUS, D. **Aspectos da formação e do papel do interveniente na Clínica da Atividade**: um estudo de caso em situação de autoconfrontação. 2019. 163 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2019.

CLOT, Y. **Trabalho e poder de agir**. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira e Marlene Machado Zica Vianna. Belo Horizonte: Fabrefactum, 2010.

FRANCO, M. A. do R. S. **Pedagogia como ciência da educação**. 2. ed. rev. ampl. São Paulo: Cortez, 2008.

GIORDAN, Miriane Zanetti; SARTI, Flavia Medeiros. Autoconfrontação cruzada em grupo focal: recurso metodológico para pesquisas em educação. **Revista Brasileira de**

Estudos Pedagógicos, [S.L.], v. 102, n. 262, p. 707-722, 26 nov. 2021. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. <http://dx.doi.org/10.24109/2176-6681.rbep.102i262.4726>.

HEATH, D.; HEATH, C. **Ideias que colam**: por que algumas ideias pegam e outras não. Alta Books, 2018. 272 p.

LIMA, A.; ALTHAUS, D.; REGINA BUDZIAK PARABOCZ, C.; DIAS TEIXEIRA, S. Como ajudar professores do magistério superior a transformar metodologias passivas em metodologias ativas na sala de aula: a prática da Clínica da Atividade Docente em foco. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, v. 104, p. e5468, 12 set. 2023.

LIMA, A. P.; ALTHAUS, D. Formação docente continuada, desenvolvimento de práticas pedagógicas em sala de aula e promoção da saúde do professor: relações necessárias. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, DF, v. 97, n. 245, p. 97-116, jan./abr. 2016.

PRETI, Dino. **Análise de textos orais**. São Paulo: Humanitas Publicações - FFLCH/USP, 1999.

VIGOTSKI, L. S. **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. Tradução de José Cipolla Neto et al. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

VIGOTSKI, L. S. **Pensamento e linguagem**. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005